Do que não abro mão: ética, política e arte no psicodrama

Rosane Rodrigues[1]

Andrea Raquel Martins Corrêa[2]

Danielle Adelino[3]

Cláudia Fernandes[4]

RESUMO

Esta mesa se propõe a uma provocação para os profissionais que, em algum momento de suas vidas, fizeram ou estão fazendo a escolha da socionomia (ou dito genericamente, o tal psicodrama) como abordagem teórica central e orientadora de sua práxis profissional cotidiana. As autoras, cada uma em sua área de atuação, discutem a ética, a política e a arte no exercício cotidiano profissional, tendo como abordagem o olhar socionômico. Refletem sobre pontos de referência de destacada relevância, dos quais procuram nunca se afastar. A mesa busca destacar grandes tentações que esse caminho oferece, tais como: um lugar de aplicação de técnicas de psicodrama como as ditas "dinâmicas", além de algumas abordagens que vão surgindo e se agregando sem conservar os pressupostos mais importantes dos pontos de vista filosófico, político e artístico. A ideia é gerar uma inquietação em conceitos desatualizados e atitudes conservadas de buscar "finais felizes" e o arredondamento de conflitos que são cheios de arestas. Além disso, busca-se chamar a todos para a responsabilização e reflexão sobre o que

[1] **Rosane Rodrigues** – Psicoterapeuta psicodramatista. Mestre em artes e Doutora em Pedagogia do Teatro. Professora de psicodrama no Instituto Sedes Sapientiae (DPSedes). Diretora do Grupo Improvise. Autora de várias publicações e jogos de tabuleiro. E-mail: rosateatros@gmail.com.

[2] **Andrea Raquel Martins Corrêa -** Psicóloga e psicoterapeuta - psicodramatista didata e educadora. Instituto Sedes Sapientiae (DPSedes) – Departamento de Psicodrama. Autora de várias publicações. E-mail: andrearaquelmartins@gmail.com.

[3] **Danielle Adelino** Psicóloga e Psicodramatista, Instituto Sedes Sapientiae (DPSedes). E-mail: danielleadelinopsi@gmail.com.

[4] **Cláudia Fernandes** Didata DPSedes (2010). Professora de Psicodrama no Instituto Sedes Sapientiae (DPSedes). Diretora do grupo de Teatro Espontâneo Gota D'Água. Formação em Psicanálise na ECFL – Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano – SP. E-mail: fernandescaca.fernandes@gmail.com.

estamos fazendo e como estamos fazendo. Também visa fazer pensar sobre o mundo atual, resultante de um capitalismo que nos mantém, a um só tempo, prisioneiros e subservientes aos desígnios do novo DEUS — a economia — e, de outro lado, negando essa nossa submissão e alienando cada um em sua busca solitária e individualista de sucesso financeiro e visibilidade. Tal como um grande *Big Brother*, nos colocamos na linha de montagem pensando como faremos para projetar nosso nome e o dos nossos aliados para o que consideramos sobreviver profissional e economicamente. E, sem nos aliarmos solidariamente entre nós, vamos mergulhando em uma mega angústia de sempre estar aquém do conhecimento, do dinheiro e do poder frente a todos e, principalmente, aos robôs mencionados por Moreno, ou carinhosamente chamados de *Iaiá* — nossa auxiliadora e competidora: Inteligência Artificial. Talvez a política, a leitura, a arte e, principalmente, o pensar juntos, implicados na mesma questão, possam nos ajudar a atravessar esses tempos.

Palavras-chave: Ética. Política. Arte. Psicodrama. Socionomia.

Do que não abro mão: ética, política e arte no psicodrama

Rosane Rodrigues

A perspectiva do psicodrama que costuma nos apaixonar nos primeiros contatos com a socionomia, em geral, é seu conceito sobre espontaneidade como estrutura básica de saúde de pessoas e grupos. Os estados espontâneos que podem resultar em novidade e rompimento total ou parcial de padrões repetitivos, desencadeados pela muito eficiente metodologia psicodramática, pressupõem um conjunto de posturas associadas ao profissional socionomista. Entre essas atitudes estão a permanente inclusão ou, ainda, a escuta sensível e o respeito aos fenômenos grupais; também o pressuposto de que a direção é parte do grupo e o tempo todo interfere nesse grupo de duas ou mais pessoas, tendo sempre a atenção de manter sua função de agente terapêutico, sem se sobrepor ao movimento grupal. Em outras palavras, somos parte do grupo e agentes de transformação (RODRIGUES, 2020).

Dessa forma, qualquer fenômeno resultante de nossas ações profissionais passa por um filtro desse olhar específico do psicodrama. Lembrando Paulo Freire: “A educação não muda o mundo, muda pessoas que mudam o mundo” (FREIRE, 1997). Portanto, dessa diretora ou

diretor podemos esperar certa coerência e preparo para não exercer nenhuma verticalidade e domínio sobre o grupo e, ao mesmo tempo, não se furtar a aproveitar oportunidades de dar informações de boa qualidade e fundamentadas, quando necessárias.

Para além da especificação da clínica, da educação, das instituições, está a atitude social e política do psicodrama, essencialmente como resistência. O quanto essa escolha de abordagem deveria estar comprometida, em sua raiz, muito mais com a ética, política, alinhamento a pautas relevantes de nosso tempo, do que com estar bem com a instituição pertencente, ou do que com o ganhar dinheiro, ou ainda do que ser um trabalho considerado belo ou simpático, do que entregas que despertem aprovação social ou que reproduzam o que é previamente aprovado etc. Tudo isso passando pelo alto grau de exposição na mídia que atualmente temos, para conquistar cliente e alunos.

Tendo em vista que neutralidade não existe, a metodologia do psicodrama ou, como considero, do Teatro Espontâneo (AGUIAR, 2008), permite amplamente uma isenção por meio da dramatização que é, por sua vez, criada pelo grupo ou cliente. Porém, não podemos esquecer que há sempre um determinado olhar em nós que se manifesta no filtro de nossas ações, falas e posturas. A atitude do psicodramatista não é somente determinada por um conhecimento técnico — ainda que isso seja muito importante —, mas muito mais pelo que este se permita realizar no papel da direção, de qualquer intervenção que realize.

Para lidar com nossos filtros, eventuais preconceitos ou falta de letramento, podemos nos apoiar nos princípios orientadores do psicodrama. O mais fundamental deles talvez seja o princípio da construção coletiva.

Por exemplo: a cena não é da unidade funcional. A cena, as cenas, o conjunto de ações dramáticas têm como orquestração o conhecimento técnico da equipe; porém, ela deve se desenvolver a partir do conflito emergente do grupo. O tema prévio de uma intervenção é apenas um tema de adesão e não o tema protagônico em si. Este surge ao longo da intervenção e pela emergência do conflito. O conflito, por sua vez, é presente e disparado pelo aquecimento grupal. Daí a construção coletiva. Esta é a grande ligação do psicodrama com arte e política. Nada decidido previamente e nem do desejo da direção. Por isto mesmo, o psicodrama não poderia ser de direita. Não há dogmas anteriores. Não pode ser populista. Mas deve sempre sustentar o conflito proposto pelo grupo. E isto significa que talvez a cena não feche com final feliz e nem se comprometa com instituições de qualquer ordem para atingir certo resultado. E

nem poderia eleger alguém para ser protagonista num dia anterior. Tudo se passa no aqui e agora, sendo construído em conjunto, respeitando apenas os caminhos do grupo. Até porque, se a estratégia do diretor for trabalhar a construção coletiva pela via de um protagonista, devemos lembrar que este é alguém que carrega o conflito grupal e não aquele que brilha mais, como a mídia nos leva a crer. Toda a ação dramática, assim como as colocações verbais, deve ser orientada pela construção coletiva.

O espaço público como local de conhecimento da coletividade, com seu potencial de transformação (COSTA; CONCEIÇÃO, 2008), é o cerne da criação coletiva. Seja esse espaço virtual ou presencial. Somos públicos e privados a um só tempo. E assim estamos sujeitos a uma carga política de neoliberalismo fortíssima que busca, cada vez mais, uma realidade banal e consumista de ideias prontas, espetaculares e absurdas para atrair a mente distraída. Busca verdades resolutivas e não autonomia de pensamento. Busca igualmente nos dividir para não descobrirmos que nossas questões não são só nossas, e que não estamos sozinhos em nossas dúvidas.

Esse espaço público, dessa maneira, contaminado por menos arte, menos imaginação, menos leitura e reflexão, também está em nós, diretores de psicodrama. Dado que a ideia de uma intervenção — quer seja ela institucional, clínica ou num psicodrama público — pressupõe a pretensão de provocar uma mudança (AGUIAR, 2008), ou seja, a introdução deliberada de um fato novo, capaz de alterar o curso de acontecimentos de ordem física, psicológica, cultural, social etc., temos uma grande responsabilidade, mesmo em se tratando de uma realidade suplementar como instrumento de trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Grupo. Psicodrama. Ética. Isenção. Saúde mental. Teatro Espontâneo.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, M. O teatro espontâneo como intervenção socioeducativa. In: Marra, M.M. e Fleury, H.J. (org.) **Grupos. Intervenção socioeducativa e método sociopsicodramático**. São Paulo: Ágora, 2008.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

COSTA, L.F. e CONCEIÇÃO, M.I.G. Conhecimento e intersubjetividade e as práticas sociais. In: Marra, M.M. e Fleury, H.J. (org.) **Grupos. Intervenção socioeducativa e método sociopsicodramático**. São Paulo: Ágora, 2008.p.57-68.

RODRIGUES, R. O corpo poético como atitude política: por um contágio de saúde. In: DEDOMENICO, A. M.; MERENGUÉ, D. (orgs.). **Por uma vida espontânea e criadora: psicodrama e política.** São Paulo: Ágora, 2020. p. 143-157.

Ética e política como fundamento da atuação profissional do psicodramatista

Andrea Raquel Martins Corrêa

No sistema capitalista neoliberal, o desempenho do papel profissional possui grande relevância, garantindo não apenas a sobrevivência física, mas constituindo também a subjetividade e a identidade do sujeito contemporâneo. O papel profissional define, sobremaneira, o status social, o acesso econômico-cultural, o pertencimento a grupos e o estilo de vida das pessoas, englobando um campo de relações que produz tanto saúde quanto doença (FALIVENE, 2006).

Nos últimos anos, o registro de queixas acerca do sofrimento mental no campo do trabalho aumentou consideravelmente, legitimando e ampliando a discussão proposta pelo filósofo Byung-Chul Han, autor da reconhecida obra *Sociedade do Cansaço* (HAN, 2015). Nesta sociedade, da qual fazemos parte, o individualismo, a competição, a produtividade máxima, o desempenho e o aprimoramento contínuos são exigências que convivem com a precariedade das condições de trabalho, a urgência de resolução de problemas, a fragmentação dos vínculos e o excesso de estímulos.

Sendo assim, é possível afirmar que o avanço do adoecimento mental de trabalhadores e trabalhadoras se relacione diretamente com a busca de performances altíssimas para atingir determinado padrão de sucesso e superação, em uma época demasiadamente líquida e flexível — conforme denominou Zygmunt Bauman (2001), bem como engajada em políticas de desmonte na área do trabalho.

A produção e a normalização dessa subjetividade neoliberal promovem e atuam como fator de adoecimento mental, na medida em que impõem o ideal, quase sempre inatingível, do empreendedor de sucesso e empresário de si mesmo (DARDOT; LAVAL, 2016), rico e famoso. Nesse processo, é flagrante o empobrecimento da potência criativa e da vitalidade do sujeito que, constituído por tal sistema, funciona de acordo com os pressupostos nele contidos.

A subjetividade neoliberal forma, inexoravelmente, nosso modo de ser, sentir, desejar e atuar nas relações e nos papéis. Em todos os âmbitos, mesmo nos vínculos familiares, pensamos e agimos em função da lógica do rendimento, da produtividade e do utilitarismo. Basta observar a linguagem cotidiana de pais e mães, que afirmam ser importante “investir”

nos filhos/filhas. Ou ainda, numa relação amorosa, é comum a frase “ele/ela não me entrega”. Todas as relações, portanto, são praticamente capturadas pelo modo neoliberal de ser, que busca incessantemente explorar o outro e a si mesmo (HAN, 2018), pautando as expectativas e as performances.

Para operar nesse cenário, as redes sociais virtuais, desregulamentadas e manobradas eficazmente pela extrema-direita, conectam a todos e todas de maneira caótica, produzindo excitação contínua e esvaziamento da capacidade cognitiva reflexiva, além de contribuir para a formação de grupos organizados em torno de propostas violentas, tais como os grupos *masculinistas*, misóginos ou nazifascistas (FISHER, 2023). As conexões humanas da era digital são frágeis, marcadas pelo imediatismo e pela falta de alteridade, sendo o outro, em geral, coisificado e inexistente enquanto sujeito. Resta, assim, a agressão ou a solidão.

É possível, inclusive, que estejamos muito mais sozinhos do que em épocas anteriores. A cooperação e a solidariedade não mais prevalecem na nossa forma de viver, e o adoecimento no trabalho pode ser uma resposta a este contexto.

Esta Mesa-Redonda tem o objetivo de propor tal discussão, apresentando aos psicodramatistas questões que merecem investigação: quais as implicações do neoliberalismo na subjetividade, no desempenho dos papéis sociais, nos vínculos, na imaginação e no adoecimento dos sujeitos, levando em conta a ascensão das *big techs* e da extrema-direita mundial? Como o Psicodrama pode contribuir para esta reflexão e propor ações, estratégias e percursos? Qual o papel dos psicodramatistas? Há possibilidades de criar dispositivos de resistência, para fazer frente ao sistema de assujeitamento imposto, ou não? Quais seriam estas possibilidades? (VIEIRA, 2025).

Espera-se que seja plausível, através desta Mesa-Redonda, empenhar-se nesta discussão, desenvolvendo novos olhares para ampliar a compreensão e a atuação do Psicodrama, com vistas ao movimento de criação de dispositivos que favoreçam a resistência ao neoliberalismo, em detrimento da sujeição (DEDOMÊNICO; MERENGUÉ, 2020).

PALAVRAS-CHAVE: Psicodrama. Neoliberalismo. Papel Profissional. Adoecimento Mental. Criação.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. SP: Zahar, 2001.

DARDOT, P.; LAVAL, C. ***A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal***. São Paulo: Boitempo, 2016.

DEDOMÊNICO, A.; MERENGUÉ, D. (orgs). **Por uma vida espontânea e criadora – Psicodrama e Política**. SP: Ágora, 2020.

FALIVENE ALVES, L. Grupo: Lócus da saúde e da doença do homem. **Revista Brasileira de Psicodrama. Vol 14, Número 1, 2006.**

FISHER, M. **A Máquina do Caos – Como as redes sociais reprogramaram nossa mente e nosso mundo.** SP: Todavia, 2023.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2015.

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder**. Petrópolis: Vozes, 2018.

VIEIRA, E. **Psicodrama e exclusão social - A distopia cotidiana dos oprimidos**. SP: Ágora, 2025.

Do que não abro mão no psicodrama: uma práxis ético-política

Danielle Adelino

Em um tempo histórico marcado pelo esgotamento social, pela precarização das condições de vida e pela ampliação do sofrimento psíquico, torna-se urgente refletir sobre o lugar das práticas em saúde mental na contemporaneidade. A partir da noção de "realismo capitalista", conforme formulada por Fisher (2009) compreende-se que o presente tende a se impor como inevitável, enquanto o futuro se apresenta como progressivamente cancelado (FISHER, 2009; 2020).

Nesse cenário, sintomas como ansiedade, depressão, isolamento, violência, impotência, esgotamento, sensação de fracasso, entre outros, são frequentemente individualizados, ocultando suas determinações sociais e políticas (VIEIRA, 2025). Diante desse contexto, coloca-se uma questão central: o que estamos fazendo quando fazemos psicodrama? Ou, ainda: o psicodrama está destinado a tornar-se apenas mais uma técnica de adaptação subjetiva às condições de vida impostas pelo capitalismo neoliberal, ou é possível sustentar seus fundamentos de ruptura, encontro e criação coletiva? Este trabalho se organiza em torno da pergunta: de que não abro mão como profissional do psicodrama?

A reflexão parte do encontro com a cena inaugural proposta por Jacob Levy Moreno ao criar o Teatro da Espontaneidade, no início do século XX, deslocando o drama do campo da representação para o campo da experiência vivida (MORENO, 1975). Ao convocar pessoas historicamente marginalizadas a ocuparem o palco com suas próprias histórias, Moreno inaugura um princípio ético e político fundamental: a recusa em separar o sujeito de sua história (FANON, 2008; MALAQUIAS, 2020). O palco psicodramático passa, assim, a constituir-se como espaço de revelação da vida social.

Essa perspectiva se articula a produções contemporâneas que recolocam a dimensão política do psicodrama em evidência, compreendendo-o não apenas como método terapêutico, mas como uma práxis situada nas relações históricas, sociais e políticas. Em diálogo com reflexões sobre a alienação contemporânea, emerge a questão: o que acontece quando o ator se separa do drama que vive? Tal cisão pode ser compreendida como uma das marcas do

sofrimento social, na medida em que rompe a possibilidade de reconhecimento de si como parte da história que se vive.

Essa problemática se intensifica em um contexto no qual o sofrimento é sistematicamente individualizado, ao mesmo tempo em que as condições sociais que o produzem permanecem invisibilizadas. Nesse cenário, o psicodrama se vê diante de uma encruzilhada: adaptar sujeitos às condições existentes ou contribuir para a revelação das contradições que estruturam essas condições (VINCENTIN, 2020).

A reflexão aqui apresentada ancora-se também em experiências desenvolvidas na clínica, na educação e no movimento social, com destaque para práticas realizadas no interior da Associação Saúde Mental Camarada (SAMECA) — organização coletiva de profissionais da saúde que surge no contexto pandêmico. Nos grupos formativos e de troca entre profissionais, experiências frequentemente vividas de forma solitária, como cansaço, frustração e sensação de impotência, são compartilhadas e elaboradas coletivamente. Ao serem trazidas para a cena, essas experiências deixam de aparecer como problemas exclusivamente individuais e passam a revelar sua dimensão social.

Tais experiências indicam que o psicodrama pode contribuir para a ampliação dos vínculos, a construção de solidariedade e a elaboração coletiva do sofrimento, especialmente quando articulado a espaços de organização social (RODRIGUES, 2016). O palco psicodramático pode, nesse sentido, constituir-se como um laboratório de imaginação coletiva, no qual contradições são expostas, papéis são tensionados e novas formas de relação podem ser ensaiadas, abrindo possibilidades para a criação de outros modos de existência (RODRIGUES, 2020).

Nesse horizonte, não abro mão de sustentar o palco como espaço de encontro, conflito e criação; de afirmar que o sofrimento psíquico está entrelaçado às condições sociais de vida; de compreender a espontaneidade como potência de ruptura diante da repetição automatizada do cotidiano; e de sustentar o psicodrama em sua dimensão relacional, ética e política, como práxis de investigação e transformação das relações.

Por fim, no contexto da mesa-redonda, este trabalho propõe-se não apenas a apresentar reflexões, mas a convocar um espaço coletivo de imaginação política, no qual se possa investigar, refletir, provocar e construir, em diálogo com outras experiências e perspectivas, os sentidos éticos e políticos do fazer psicodramático na contemporaneidade. Trata-se, sobretudo,

de sustentar uma aposta: a de que, mesmo em tempos de imaginação bloqueada, o psicodrama pode ainda constituir-se como um lugar em que o ator reencontra seu drama e, ao compartilhá-lo, participa da construção de histórias coletivas e de futuros possíveis (NAFFAH NETO, 1997).

PALAVRAS-CHAVE: Psicodrama. Ética profissional. Sofrimento social. Saúde mental. Política.

REFERÊNCIAS

FISHER, M. **Realismo capitalista.** São Paulo: Autonomia Literária, 2009.

FISHER, M. **Pós-capitalismo: notas sobre o fim da sociedade contemporânea.** São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

MALAQUIAS, M. C. Psicodrama e negritude no Brasil. In: MALAQUIAS, M. C. (org.). **Psicodrama e relações étnico-raciais: diálogos e reflexões.** São Paulo: Ágora, 2020. p. 57-81.

MORENO, J. L. **Psicodrama**. São Paulo: Cultrix, 1975.

NAFFAH NETO, A. **Descolonizando o imaginário.** São Paulo: Plexus, 1997.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas.** Salvador: EDUFBA, 2008.

RODRIGUES, R. **Teatro de reprise: improvisando com e para grupo.** São Paulo: Ágora, 2016.

RODRIGUES, R. O corpo poético como atitude política: por um contágio de saúde. In: DEDOMENICO, A. M.; MERENGUÉ, D. (orgs.). **Por uma vida espontânea e criadora: psicodrama e política.** São Paulo: Ágora, 2020. p. 143-157.

VIEIRA, E. D. **A distopia cotidiana dos oprimidos: psicodrama e exclusão social.** São Paulo: Editora Ágora, 2025.

VICENTIN, M. C. G. Prefácio. In: DEDOMENICO, A. M.; MERENGUÉ, D. (orgs.). **Por uma vida espontânea e criativa: psicodrama e política.** 1. ed. São Paulo: Ágora, 2020. p. 9–14.

A arte como fundamento político e estético no psicodrama

Cláudia Fernandes

Eu não abro mão da força estética, política e transformadora que a arte imprime ao psicodrama. Não renuncio à arte que desloca, que desobedece, que rompe a linearidade do cotidiano e permite que o mundo atravesse a cena. É essa arte — viva, indisciplinada, reveladora — que sustenta o psicodrama que pratico e que me move há mais de duas décadas. A arte, aliada ao teatro espontâneo, não apenas amplia a experiência dramática, mas também convoca o coletivo a pensar, sentir e agir de outras maneiras.

O Grupo Gota D'Água de Teatro Espontâneo é o dispositivo por meio do qual reintroduzimos a linguagem teatral na ação socionômica. Formado por psicólogas, psicodramatistas e atrizes espontâneas, o grupo pesquisa e desenvolve, há mais de 20 anos, modos de ação que articulam psicodrama, teatro e política. Nosso principal instrumento é o Teatro Espontâneo, método criado por Jacob Levy Moreno, no qual participantes, sem roteiro prévio, levam ao palco cenas de suas vidas cotidianas.

A ausência de *script* não significa ausência de direção; ao contrário, é uma aposta radical na potência criadora do encontro, no gesto que emerge do corpo e na palavra que nasce da experiência. O dispositivo do Gota D'Água parte sempre de uma dramaturgia aberta, construída para disparar questões conflitantes e provocar deslocamentos. Essa dramaturgia não busca respostas prontas, mas abertura: abertura para o conflito, para a multiplicidade, para a criação de novos sentidos. Como descrevi em artigo anterior:

> (...) no trabalho com o grupo Gota D'Água, em nossas direções disparadoras, procuramos estimular a cena dramática em sua potência máxima, apostando no surgimento de novos sentidos para quem está dentro ou fora dela, evocando as múltiplas versões e vozes que aparecem em diálogo com a cena e podem coexistir (FERNANDES, 2021, p. 200).

Essa coexistência de vozes — às vezes harmônicas, às vezes dissonantes — é o que permite que a cena se torne um campo fértil de criação e reflexão.

A pesquisa com o método de treinamento para atores dos *Viewpoints*, proposto por Bogart e Landau (2005), também atravessa nosso trabalho e o expande. A noção de *soft focus*, esse estado de presença ampliada que transforma o gesto em revelação, nos oferece uma chave fundamental: quando o corpo se permite estar inteiro, atento e permeável, ele fala o que a boca não pode. O gesto, quando visto em sua potência expressiva, torna-se discurso. A cena, então, deixa de ser apenas representação e se torna ato político. O corpo, ao revelar o que estava silenciado, produz fissuras no já sabido e convoca o coletivo a ver, sentir e pensar de outro modo.

Por isso, eu não abro mão do corpo implicado. Um corpo que não está a serviço de uma técnica vazia, mas que se compromete com a experiência, com a história e com o mundo. Um corpo que se coloca em risco, que se afeta e se deixa afetar. Como afirma Merengué (2007 apud DAVOLI, 2012): "aquilo que o indivíduo sofre na chamada intimidade muito possivelmente é sofrido por tantos outros indivíduos [...] A fronteira entre público e privado é derrubada para que possamos reconhecer que a humanidade nos aproxima" (p. 183).

É justamente nesse ponto — onde o íntimo encontra o coletivo — que o psicodrama ganha sua força política. A dor que parecia individual revela sua dimensão social; o gesto que parecia isolado encontra eco em outros corpos; a cena que parecia pequena se torna espelho de uma experiência compartilhada.

O psicodrama que pratico nasce desse encontro entre política, arte e corpo, especialmente quando atravessado por temas que tangenciam e tensionam a experiência de mulheres e do feminino que nos habita. São questões que emergem do cotidiano, mas que carregam marcas históricas, sociais e culturais. Ao colocá-las em cena, não buscamos soluções, mas visibilidade. Não buscamos síntese, mas multiplicidade. Não buscamos pacificação, mas movimento. A cena psicodramática, quando atravessada por corpos femininos implicados, torna-se espaço de denúncia, criação e resistência.

A arte, nesse contexto, não é somente a do belo, mas da denúncia. Ela produz deslocamentos que o discurso racional não alcança. Ela convoca o sensível, o estético e o poético como novos caminhos. Ela permite que o psicodrama se torne um espaço de invenção, onde o corpo fala, a cena revela conflitos e contradições e o coletivo pode vir a transformar. A arte amplia o campo de percepção, desestabiliza certezas e cria condições para que novos sentidos possam emergir. É nesse entrelaçamento — entre estética, ética e ação — que encontro

sentido para continuar praticando e pesquisando psicodrama. É nele que reconheço a potência de um método que, ao mesmo tempo em que acolhe o sofrimento humano, o inscreve no mundo e o transforma em cocriação. O psicodrama que pratico é, antes de tudo, um psicodrama que acredita na arte como força política e na ação dramática como força criadora. E disso eu não abro mão.

PALAVRAS-CHAVE – Psicodrama. Teatro Espontâneo. Arte e Política. Corpo Implicado. Dramaturgia Aberta.

REFERÊNCIAS

BOGART, A.; LANDAU, T. **O livro dos Viewpoints**: um guia prático para viewpoints e composição. Tradução de Sandra Meyer. São Paulo: Perspectiva, 2017.

DAVOLI, C., BATISTA, M., NILSON, S. Psicodrama público e direção de grandes grupos. In NERY, P. M.; CONCEIÇÃO, M. I. G. (orgs.). **Intervenções grupais**: O psicodrama e seus métodos. São Paulo, Ágora, 2012. p. 173-193.

FERNANDES, C. **Efeitos psicoterapêuticos em um participante de um ato socionômico**. RBP, São Paulo, v. 29, n. 3, p. 198-204, set./dez. 2021.